

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, GÊNERO E SAÚDE: CONTEXTO GEOGRÁFICO DE MULHERES QUE VIVEM COM HIV/AIDS EM PRESIDENTE PRUDENTE – SP, BRASIL

DOMESTIC VIOLENCE, GENDER AND HEALTH: GEOGRAPHICAL CONTEXT OF WOMEN LIVING WITH HIV/AIDS IN PRESIDENTE PRUDENTE - SP, BRAZIL

Mateus Fachin Pedroso

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, SP, Brasil
mateus.fachin@unesp.br

Raul Borges Guimarães

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, SP, Brasil
raul.guimaraes@unesp.br

RESUMO

O objetivo central deste manuscrito foi compreender como a violência doméstica, presente no contexto geográfico (Espaço-tempo, Conteúdo, Agência), impactou a vida de mulheres vivendo com HIV/AIDS em Presidente Prudente, São Paulo, Brasil. Destarte, nos debruçamos sobre os cursos de vida de 6 mulheres, especificamente, as trajetórias após o diagnóstico do HIV/AIDS. Para isso, tomamos como base as discussões teórico-metodológicas dedicadas a pesquisa qualitativa implementando articulação entre a História de Vida e Observação Participante para a construção das informações, como também a interação entre a Análise do Discurso (AD) e a Teoria Fundamentada (TF) com finalidades de análise. As narrativas das mulheres trazem à tona os múltiplos entrelaçamentos que se reverberam em escalas, tempos e espaços fluídos e conectados com a dimensão da vida, sobretudo quando pautado a presença de violências de diferentes ordens. Destarte, ficou evidenciado que a violência doméstica, enquanto ponto de inflexão, gerou impactos contundentes sobre a saúde e a vida dessas mulheres. Logo, entendemos que a realidade em tela carece de leituras geográficas comprometidas com a implementação de ações que proporcionem a transformação social em relação a garantia de direitos, bem como ao combate às violências e vulnerabilidades destacadas.

Palavras-chave: Geografia da Saúde. Geografias Feministas. Mulheres. Violência.

ABSTRACT OU RESUMEN (caso o artigo tenha sido redigido em espanhol)

The central objective of this manuscript was to understand how domestic violence, present in the geographical context (Space-Time, Content, Agency), impacted the lives of women living with HIV/AIDS in Presidente Prudente, São Paulo, Brazil. Thus, we analysed the life courses of six women, specifically their trajectories after being diagnosed with HIV/AIDS. To do this, we took as our basis the theoretical-methodological discussions dedicated to qualitative research, implementing the articulation between Life History and Participant Observation for the construction of information, as well as the interaction between Discourse Analysis (DA) and Grounded Theory (GT) for the purposes of analysis. The women's narratives bring to light the multiple interconnections that reverberate on scales, times and spaces that are fluid and connected to the dimension of life, especially when the presence of violence of different kinds is involved. It has thus become clear that domestic violence, as a turning point, has had a significant impact on the health and lives of these women. Therefore, we understand that the reality in question needs geographical readings committed to implementing actions that provide social transformation in relation to guaranteeing rights, as well as combating the violence and vulnerabilities highlighted.

Keywords: Geography of Health. Feminist Geographies. Women. Violence.

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste texto foi compreender como a violência doméstica presente no contexto geográfico (Espaço-tempo, Conteúdo, Agência) impactou a vida de mulheres vivendo com HIV/AIDS em

Presidente Prudente, São Paulo, Brasil. À vista disso, tomamos como entendimento a estruturação perversa e desigual da sociedade, uma vez que há a materialização de inúmeras violências legitimadas por ações sistêmicas, cíclicas e injustas que repercutem de forma contundente sobre a saúde das mulheres (Pedroso; Simon; Guimarães, 2022).

Considerar tais movimentos se torna algo bastante complexo, pois leva em conta a presença de violências legitimadas por discursos que, ora se apresentam [...] como manifestação da dinâmica e da trajetória de uma sociedade, ora como fenômeno específico que se destaca e influencia essa mesma dinâmica social" (Minayo, 2006, p. 07-08). Ao partirmos deste pressuposto, nos debruçamos sobre a vida das mulheres que compuseram a tese de doutorado intitulada *"Flores e dores, vozes e vidas: contexto geográfico de mulheres e suas experiências interseccionais em Presidente Prudente, SP"* (Pedroso, 2022). Essa interlocução se dá mediante ao exercício teórico-metodológico implementado pelo conceito de contexto geográfico; este compreendido [...] como um conjunto de relações dialógicas, relacionais e dinâmicas, que tomam os sujeitos como princípio de ação e significação e, portanto, são passíveis de transformações que o configuram ao mesmo tempo que os conectam ao particular e ao universal" (Pedroso, 2022, p. 118).

Para isso, de modo mais específico, nos dedicamos às trajetórias de vidas trilhadas após o diagnóstico do HIV/AIDS, sobretudo no que tange a vida adulta destas mulheres. Assim tomamos como ponto de destaque o momento de confluência em que essas histórias de vida usufruem da mesma realidade específica de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência, e assim configuram o contexto geográfico [...] enquanto uma realidade específica de espaço-tempo com foco nos sujeitos, o que possibilita estabelecer relações diretas de composicionalidade com os conteúdos e as agências que partem dos sujeitos enquanto poder de ações e transformações" (Pedroso, 2024b, p. 43).

Isto posto, o presente texto segue estruturado de antemão pela Introdução que apresenta objetivo central junto ao aporte teórico e outras duas seções, a saber. A primeira é a seção metodológica que evidencia o percurso de produção e análise das informações qualitativas. A segunda, intitulada "Contexto geográfico: saúde, gênero e violência" expõe as análises e reflexões realizadas. Além destas seções, o artigo conta com as Considerações finais, Agradecimentos e as Referências bibliográficas.

METODOLOGIA

Interagir com as experiências das mulheres é algo realmente complexo, pois são elaborações que emergem do real e apresentam outras necessidades de entendimento, sobretudo as que estão ligadas ao cotidiano, já que automaticamente implicam na forma como é organizado e produzido o conhecimento, uma vez que não se trata da idealização do real, mas sim de uma emersão que advém da realidade (Baylina, 1997; Pedroso, 2024a). Para isso, se faz importante apresentar o perfil das participantes², como dispõe o quadro 1.

Quadro 1 – Perfil das mulheres participantes³

Identificação	Idade	Tempo de sorologia	Nº de filhos	Estado civil	Cor autodeclarada	Escolaridade	Religião	Renda (R\$)
Alyssa	54	22	3	Viúva	Branca	E. F. incompleto	Evangélica	954.00
Bonet	39	22	2	Solteira	Parda/Preta	E. M. completo	Evangélica	700.00
Del Rio † (2020)	61	18	5	Viúva	Parda/Preta	E. F. incompleto	Evangélica	1.400.00
Latrice	41	8	3	Solteira	Parda/Preta	E. F. incompleto	Católica	954.00
Monique	43	21	3	Viúva	Parda/Preta	E. F. incompleto	Evangélica	954.00
Tammie	58	21	1	Divorciada	Parda/Preta	E. F. incompleto	Evangélica	954.00

Fonte: Pedroso, 2022.

² Cabe destacar que os nomes reais de todas as participantes foram substituídos por nomenclaturas fictícias tendo como finalidade a preservação das identidades das contribuintes.

³ Os presentes resultados apresentados, em termos de ética em pesquisa, estão resguardados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sob o CAAE 8918²918.4.0000.5402.

Para a realização deste trabalho, tomamos como base as discussões metodológicas feministas por acreditar em suas potencialidades e na capacidade interpretativa voltada à realidade dos sujeitos (Alves; Pedroso; Guimarães, 2019; Pedroso, 2024a). Esse aparato teórico-metodológico cria caminhos para a compreensão das inúmeras violências presentes na realidade das mulheres que vivem com o HIV/AIDS, bem como permite elaborar respostas possíveis para essas demandas (Pedroso; Guimarães; Cau, 2024).

A concepção desses movimentos garantiu que as narrativas das mulheres estivessem ao centro, enquanto protagonistas, de modo que suas Histórias de Vida (Queiroz, 1988; Brandão, 2007) fossem registradas conjuntamente às ações da Observação Participante (May, 2003). Acerca desta processualidade, cabe salientar que houve a triangulação metodológica (Tuzzo; Braga, 2016) entre a Observação Participante e a História de Vida. Tal interlocução metodológica foi desempenhada junto ao grupo “*Plug and Play*”, pertencente à antiga Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA) pelo período de 7 meses através das atividades de campo. Dada a interação constante com as mulheres do grupo, a partir do quarto mês de participação, foram iniciadas as ações atinentes à construção dos dados qualitativos referentes às histórias de vida das participantes em seu âmbito individual. Este esforço metodológico voltado à realidade das mulheres garantiram a ambientação das vozes, das texturas, dos *ethos* e *déixis* discursivas que deram dimensão ao vivido (Pedroso, 2022).

No que tange aos aspectos de análise das informações qualitativas construídas coletivamente, nos respaldamos na potente interlocução metodológica entre a Análise do Discurso (AD) e a Teoria Fundamentada (TF) (Maingueneau, 1990; 1997; Strauss; Corbin, 2008), dado que tal articulação viabiliza a organização do corpus textual (codificação aberta, codificação axial e codificação seletiva), que a nós serviu enquanto subsídio para a construção de interpretações em profundidade ao ponto que os sentidos e compreensões emergiram da própria realidade discursiva dos sujeitos.

Ao que tange aos esforços operacionais, principalmente em termos de sistematização dos códigos e formação das categorias discursivas, usufruímos das ferramentas disponibilizadas pelo *software* Atlas.ti (Cantero, 2014). O uso do Atlas.ti permitiu um grau de refino no que tange à organicidade e articulação dos campos discursivos, dado que foi possível armazenar em pastas-arquivos (codificações) todas as enunciações atinentes às palavras-chave que estruturam o discurso (Lewis, 1998), como segue evidenciado abaixo.

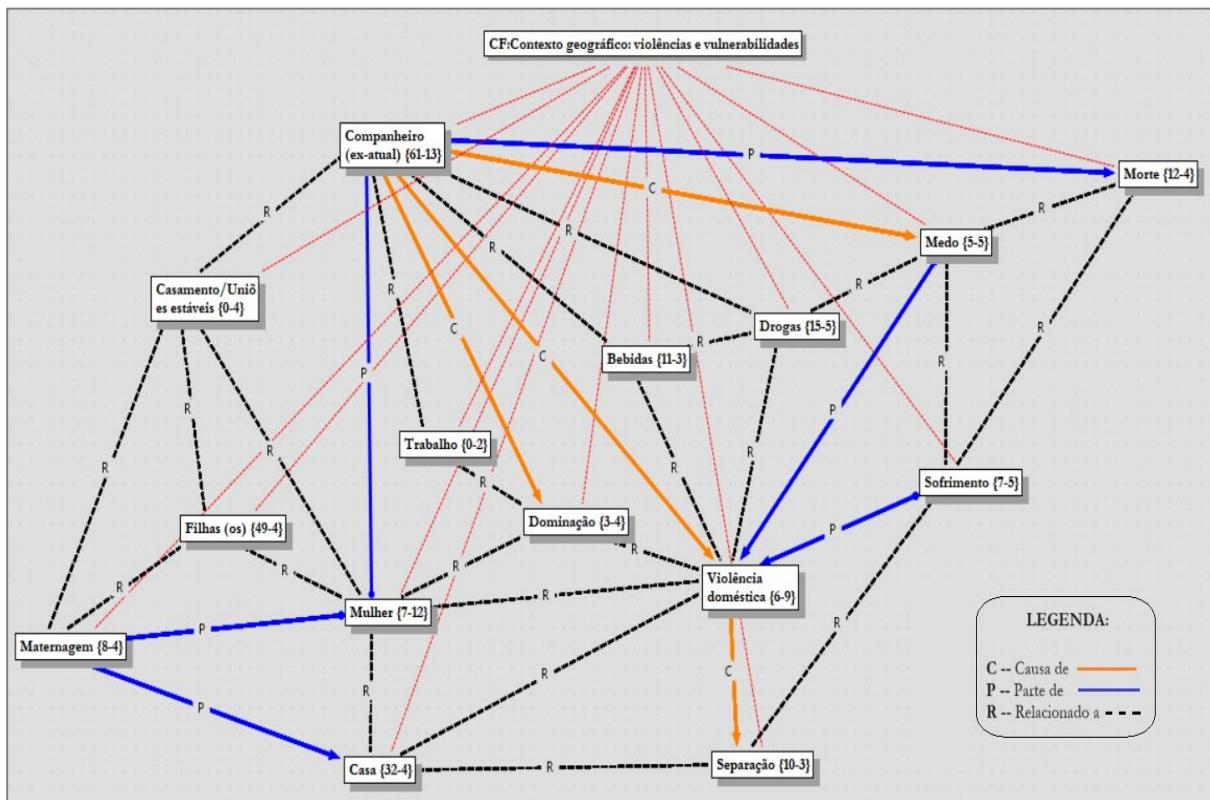
CONTEXTO GEOGRÁFICO: SAÚDE, GÊNERO E VIOLENCIA

No cenário brasileiro, a violência associada às questões de gênero é algo bastante agudo e complexo. No ano de 2025, até o mês de setembro, foram registradas 216.756 denúncias pelos canais telefônicos institucionais; realidade esta que configura cerca de 51,73% do fenômeno total. Ao direcionarmos olhares para a realidade do Estado de São Paulo nos deparamos com uma realidade bastante semelhante, dado que há a expressividade de 51,02% das denúncias também terem como vítimas as mulheres. Sob uma perspectiva mais focalizada, tomamos a realidade de Presidente Prudente que, neste mesmo período registrou 730 denúncias, das quais 49,86% explicitam as mulheres enquanto alvo da violência, associado ao fato de que 80,41% destes acontecimentos tem a localidade da casa da vítima e a casa da vítima junto ao suspeito como materialização da violência doméstica e familiar (Brasil, 2025).

A realidade supracitada junto a interlocução direta com a vida das mulheres que participaram da pesquisa, nos leva a concordar que, de fato, a violência é um problema de saúde pública (Dahlberg; Krug, 2006). Destarte, esta máxima nos permite pensar sobre as múltiplas nuances da violência (física, moral, psicológica, patrimonial, simbólica, etc.), como por exemplo a violência de gênero que apresenta maior rebatimento sobre a população feminina que sofre discriminações trabalhistas, violência doméstica e feminicídios (Gontarek; Silva, 2020; Simon, 2023).

É por estas vias que se faz necessário uma interpretação geográfica das relações interseccionais, uma vez que esta aponta a necessidade de compreensão “[...] das trajetórias de vida, as iniquidades de gênero, as violências sofridas e os contextos de vulnerabilidade das mulheres para a adoção de estratégias integrais de cuidado” (Ceccon, 2016, p. 45), sobretudo, ao que se refere na construção de políticas públicas de saúde. Com isso, assumimos o comprometimento com os mais afetados que enfrentam inúmeras iniquidades sociais que se articulam, como evidencia a figura 1 a seguir.

Figura 1 – Campo discursivo – Contexto geográfico: violências e vulnerabilidades



Fonte: Adaptado de Pedroso, 2022.

Posto isso, demos ênfase aos principais elementos correlatos as violências presentes nos discursos das mulheres. Estas interfaces foram constantemente expressivas nas trajetórias de vida das participantes, como evidenciado nos relatos de Del Rio e Alyssa que retratam suas percepções sobre o ‘Casamento/Unões estáveis’, como se segue:

[...] quando eu era casada o outro (ex-marido) falava que ia fazer isso, que ia fazer aquilo e nunca fez nada. Ele só arrasou a minha vida, desgraçou a minha vida. Então eu tenho medo (Del Rio, 2018).

E agora parece que eu estava querendo entrar num relacionamento quase igual. Estava vivendo o passado tudo de novo! Eu não quero isso pra minha vida, eu quero ir para frente, eu não quero voltar para trás. Eu quero ir para frente! (Alyssa, 2018).

As contribuições de Del Rio e Alyssa trazem para o debate pontos específicos sobre seus relacionamentos passados, o que aponta “[...] padrões de gênero estruturados que envolvem as mulheres em ciclos de vulnerabilidade socialmente causada e distintamente assimétrica” (Miguel; Biroli, 2014, p. 49-50), como expresso pelas inferências que mencionam o conjunto de ações realizadas pelos parceiros. Isto em si evidencia as assimetrias que vão para além das diferenças de sexo, como é o caso do **‘Casamento/Unões estáveis’**, que configura um importante exemplo de interdependência entre as interseccionalidades que constituem a vida das mulheres de forma mútua e, em algumas vezes simultânea, dado que se relaciona com o **‘Trabalho’**, os cuidados com as(os) **‘Filhas(os)’** e o exercício da **‘Maternagem’**, como evidencia os relatos de Bonet e Alyssa.

Sempre, né!? Sempre. Sempre trabalhando porque o pai do 'M' (companheiro atual) continua na cadeia, não me ajuda em quase nada, porque o dinheiro que ele me dá lá é bem pouco, muito pouco. É mixaria (Bonet, 2018).

Porque eu para os meus filhos sou um exemplo, eu sou um exemplo muito grande e se você sentar e falar com cada um eles vão te contar a vida que eu

passei sozinha trabalhando na roça e cuidando deles. [...] Eu batalhei mesmo, sabe? (Alyssa, 2018).

Os relatos evocados por Bonet e Alyssa expressam questões que são de conhecimento geral, como a divisão sexual do trabalho, a generificação do cuidado da prole, a monoparentalidade, etc., pautas estas pesquisadas e debatidas amplamente no campo das ciências humanas, inclusive na Geografia (ver McDowell, 1986; García-Ramon, 1989; Rose, 1993). Além destes elementos de primeira ordem, se faz interessante centrar foco nos contextos geográficos que as narrativas expressam, dado que estes permitem interpretar as semelhanças existentes entre as vivências, mesmo em realidades e gerações distintas, como elucidado por Bonet e Alyssa.

Isso ocorre porque a composicionalidade dos elementos constituintes da vida destas mulheres seguiram respaldados em uma construção social que reflete as estruturas de poder, o que “[...] em diferentes contextos históricos e geográficos nos mostra como feminilidade e masculinidade são construções sociais, e nos ajuda a captar os diversos elementos que as compõem” (Karsten; Meertens, 1992, p. 190, tradução própria), como também organizam o acontecer das relações que envolvem outros sujeitos e ações, como é o caso da interlocução entre ‘Companheiro (ex-atual)’ e ‘Violência doméstica’ junto aos elementos que a eles se agregam. A centralidade expressa pelas codificações ‘Companheiro (ex-atual)’ e ‘Violência doméstica’ traz contribuições caras para a interpretação dos contextos geográficos vividos pelas mulheres, uma vez que todas as participantes ao longo dos seus cursos de vida compartilharam trajetórias (ou partes delas) com seus companheiros.

Posto isso, priorizamos as questões relacionais, principalmente, as que estão pautadas nas performances de masculinidades e feminilidades realizadas sob a égide dos acontecimentos (Young, 1980; Butler, 2002; 2015) experienciados pelas mulheres junto a seus ‘Companheiros (ex-atual)’. Neste sentido, uma pertinente interface destes sujeitos é trazida pela codificação ‘Trabalho’, que contribuiu com a elucidação da demarcação do trabalho assalariado, do trabalho não pago (doméstico) e das jornadas de trabalho empenhadas pelas mulheres, o que em si expressa as posições sociais e espaciais que cada sujeito ocupa nas relações (McDowell, 1986).

Destarte, o viés financeiro destacado pela codificação ‘Trabalho’ abre margem para estabelecer raciocínio sobre distintas formas de exercer poder, sobretudo, quando estas se alinham a outras interseccionalidades. Logo, a existência de assimetrias de poder corrobora com o surgimento de princípios ativos de ‘Dominação’, estes que tornam “legítimo” o exercício de diferentes formas de controle sobre as mulheres (Saffioti, 1987), seja pelas questões corpóreas, pelas performances de gênero, pelo domínio patrimonial/financeiro, ou mesmo, por um complexo conjunto destes elementos. Exemplo disso é o relato emblemático de Bonet que menciona as ações de seu ‘Companheiro (ex-atual)’ que se encontra privado de liberdade.

Eu acho que eu deixei a desejar aí, porque eu conheci o ‘T’ (companheiro) e a gente ficou e ele não deixa eu sair fora dele e acabei arrumando um filho com ele (Bonet, 2018).

E continua dizendo...

Controla! (fala assertiva). Controla... igual esses tempos atrás ele (companheiro) ligou no meu celular, manda os outros ligar no meu celular pra saber onde eu estou, ele quer saber o que eu faço. Ele ligou pra mim anteontem e perguntou o por que eu não fui nesse domingo visitar ele! Ele quer saber de tudo, sabe!? Ele controla sim a minha vida! (fala exclamada entre lágrimas). Ele quer saber com quem eu converso, com quem eu deixei de conversar... quem está indo em casa, quem vai, quem não vai. Ele sabe de tudo! (Bonet, 2018).

A narrativa de Bonet se faz bastante impactante, pois reafirma o que já fora mencionado, de modo que expressa como se realizam tais questões no plano do vívido, sobretudo, os impactos presentes em seu cotidiano, uma vez que parte de suas práticas são controladas por seu parceiro, mesmo em situação não-presencial, o que expressa as arraigadas relações de poder (Foucault, 1991). Esta ação em potência realizada pelo ‘Companheiro (ex-atual)’ de Bonet parte da premissa de que os sujeitos e suas respectivas identidades são “[...] produto[s] de uma relação de poder que se exerce sobre os corpos, multiplicidades, movimentos, desejos, forças” (Foucault, 1979b, p. 161-162), que de modo articulado contribuem para a concretização da ‘Dominação’.

À vista disso, entendemos que a ‘**Dominação**’ emerge a partir das assimetrias (materiais e imateriais) existentes entre os sujeitos, sendo estas complexas, relacionais e diversas, visto que se manifestam ora de forma sutil, ora de modo incisivo, estando estas ações a depender da influência dos agenciamentos que compõem os contextos geográficos (Guimarães, et. al, 2023). Neste sentido, se torna cabível pautar outros elementos que, por vezes, corroboram com a efetividade da ‘**Dominação**’, por exemplo o uso de ‘**Bebidas**’ e ‘**Drogas**’ como enunciam Tammie, Latrice e Bonet.

No começo ele bebia muito, e foram muitas coisas que me marcou, porque ele me xingava muito e falava coisas que eu não merecia ouvir (Tammie, 2018).

Ah, ele (ex-marido) só fumava pedra. Ele continua usuário e faz muito tempo que eu não vejo ele, uma que ele estava preso, e eu fiquei sabendo que ele estava preso (Latrice, 2018).

Eu quero que Deus transforme ele (companheiro)... porque para voltar na mesma situação que ele era comigo na minha casa... Eu não quero ter marido assim! (choro). Ah, ele ficava atrás de droga, minha casa tinha um monte de maconha, muita droga em casa, muita bebida, sabe?! (Bonet, 2018).

As ações realizadas pelos ‘**Companheiros (ex-atual)**’ trazem para o âmbito do debate pontos específicos que caracterizam o acontecer do processo de ‘**Dominação**’ que, em si, evidencia tensões e reverberações como as mencionadas pelas mulheres, principalmente, quando retratam o comportamento de seus ‘**Companheiros (ex-atual)**’. Lançar olhar sobre esses homens permitiu evidenciar que eles também possuíam trajetórias carregadas de desvantagens cumulativas, principalmente, quando considerado o contato destes com a ‘**Bebida**’ e a interação com os circuitos de ‘**Drogas**’ (tanto para consumo como também para o tráfico).

Para estabelecer este raciocínio, foi necessário ponderar os distintos atravessamentos relatados acerca dos ‘**Companheiros (ex-atual)**’, pois, são múltiplas as relações que se estabelecem no contexto geográfico. Para este ponto, focalizamos os elementos que contribuíam para a estruturação e o exercício de masculinidades que, majoritariamente, se embasavam em normas definidas por práticas padronizadas ao ideal do “ser homem”, também conhecidas como hegemônicas (Connell; Messerschmidt, 2013).

Por este ângulo, o entendimento que se organiza é o de que as relações interseccionais desses homens em suas realidades específicas garantem a multiplicidade de masculinidades (McDowell, 2001), das quais são consideradas como marginais e dissidentes do padrão, visto que “a vivência do gênero masculino marcada pela pobreza, exclusão, racialidade e homoerotismo, reposiciona os sujeitos nas relações de poder entre os próprios homens, produzindo contradições e múltiplas experiências” (Silva; Ornat; Chimin Júnior, 2011, p. 20).

Além das assimetrias de poder entre as diferentes masculinidades, como há pouco mencionadas, cabe considerar como se dão tais relações nos contextos geográficos quando pautadas as hierarquias de gênero, que reivindicam o *status quo* do poder, ou seja, do estabelecimento e manutenção da ‘**Dominação**’. Isso implicou em refletir sobre as situações de constantes conflitos, principalmente as tensões conjugais (‘**Casamento/Uniões estáveis**’) como ponto comum entre algumas destas mulheres. Com isso, pudemos perceber a presença da ‘**Violência doméstica**’ com um peso significativo, já que ocorre como um tipo específico de violência que se ancora nas relações de gênero (Lan, 2017).

Ao tomar as tensões conjugais (‘**Casamento/Uniões estáveis**’) como ponto comum entre algumas destas mulheres, pudemos perceber que a ‘**Violência doméstica**’ tem um peso significativo, pois, ocorre como um tipo específico de violência que, recai a partir das questões de gênero, sob as mulheres (Kronbauer; Meneghel, 2005). Esta violência é comumente manifestada na unidade familiar ou doméstica, mais especificamente na ‘**Casa**’, de modo que envolve inúmeras relações (intimidade e afeto) estabelecidas entre as mulheres e seus agressores que, muitas vezes, servem como forma de controle e manutenção do poder (Gontarek; Silva, 2020), como pode ser observado nos relatos de Latrice, Alyssa e Tammie:

[...] E ele (ex-companheiro) era muito bom, trabalhador, honesto e tudo, mas depois ele se jogou nas drogas, foi quando começou o meu sofrimento morando com ele! [...] Ah, ele me batia muito e usava muita droga (momento de emoção) e também bebia, e foi esse o meu sofrimento. (Latrice, 2018).

Aconteceu que ele era usuário de droga na época e eu também bebia. Então, quando começava a discutir ele me batia (com tom de pesar) (Alyssa, 2018).

Sim, ele chegou a me bater muito, muito, muito, muito, muito mesmo. Ele era muito agressivo, e chegava a dizer que eu estava saindo com outros, que eu era prostituta, que eu era vagabunda, que eu era prostituta e vagabunda (tom de voz bem baixo) (Tammie, 2018).

Todos os relatos evidenciam a multiplicidade de relações que se estabelecem no acontecimento da '**Violência doméstica**', dado que são intrínsecos os elementos afetivos que compõem as distintas faces da agressão que, normalmente, transitam entre as dimensões emocionais, psicológicas e físicas (Rocha, 2013), gerando assim quadros vulnerabilizantes que condicionam estas mulheres ao '**Sofrimento**', ao '**Medo**' e a '**Separação**'.

Tal realidade faz da '**Violência doméstica**' uma experiência concreta oriunda das disputas e ideários binários construídos sobre o que é ser homem e '**Mulher**', sobre ser dominante e dominado, acerca de quem provém e de quem depende. Estas construções patriarcais causam danos, traumas ou mesmo a '**Morte**', causadas pelas assimetrias de poder que advém de outras relações de escala, que por sua vez se manifestam na localidade da '**Casa**' (Gontarek; Silva, 2020).

A prática da violência no lócus doméstico é produzida pelos momentos de conflito conjugal que performam as masculinidades construídas em outros espaço-tempos, como o do trabalho, da rua, do lazer, etc., nos quais os homens tendem a não ser violentos, conferindo assim para a '**Casa**' um sentido particular (McDowell, 2001). Portanto, a violência sofrida pelas mulheres no espaço doméstico não está restrita a essa ordem, mas é resultante de uma estrutura socialmente construída ao longo da história que potencializa esse local enquanto um núcleo de resolução de problemas familiares. Este mesmo que é estruturado a partir de papéis tradicionais de gênero, o que potencializa a centralidade do homem e o seu papel em corrigir as ações que fogem da ordem patriarcal estabelecida hegemonicamente (Gontarek, 2020).

Assim sendo, as narrativas das mulheres participantes trazem à tona os múltiplos entrelaçamentos que se reverberam em escalas, tempos e espaços fluídos e conectados com a dimensão da vida, sobretudo quando pautado a presença de violências de diferentes ordens. Isso evidencia as interações entre os sujeitos e suas ações sustentadas pelas performances de gênero, as instituições de poder, as questões de saúde e as emoções corporificadas, que acontecem por meio do processo de construção e vivência dos respectivos contextos geográficos (Pedroso, 2022; 2024b).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir e interpretar o movimento de vida das mulheres participantes sob a perspectiva geográfica configurou sinônimo de se deparar com uma diversidade de acontecimentos que, ora apresentaram confluências e tensões, ora se deram mediante alianças e aproximações. Por isso é que consideramos potente a articulação das experiências coletivas e específicas, mediante o contexto geográfico, uma vez que estas denotam a interlocução com aspectos estruturais que estão sob a conformidade da experiência dos agenciamentos.

Isso expõe os vários atravessamentos presentes nas trajetórias das participantes quando se leva em conta a composicionalidade de Espaço-tempo, Conteúdo e Agência que constituíram os contextos geográficos vividos. Deste modo, este entendimento foi importante para a compreensão das barreiras estruturais que se fizeram/fazem presentes nos cursos de vida dessas mulheres, ora por meio de violências de distintas ordens, ora através da manutenção crônica de vulnerabilidades que, em um passado não distante, impactaram e redirecionaram inúmeras vezes suas trajetórias de vida.

A partir das falas e relações estabelecidas ficou evidenciado que a violência doméstica, enquanto ponto de inflexão, impactou contundentemente a saúde e a vida dessas mulheres. Estas questões tornam imprescindível a luta por igualdade, o que exige de nós, geógrafas (os) feministas e da saúde, a produção de reflexões críticas constantes sobre as dimensões interseccionais que compõem a vida dos sujeitos. Destarte, entendemos que a realidade em tela carece de leituras geográficas comprometidas com a implementação de ações que proporcionem a transformação social em relação a garantia de direitos, bem como ao combate às violências e vulnerabilidades destacadas. Com isso, ressaltamos que o presente estudo não ambicionou esgotar a discussão em tela, uma vez que tal problemática carece da realização de outras pesquisas que implementem escalas de análises que sejam diversas e complementares. Logo, o presente estudo visou contribuir com provocações que estimulem investigações que tomem a questão da violência doméstica como agenda de pesquisa da Geografia, sobretudo da Geografia da Saúde dedicada à construção de políticas públicas focalizadas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos em primeira instância as instituições de fomento que contribuíram com o desenvolvimento da pesquisa, a saber: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento via processo nº 2018/05706-2; Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento via processo nº 88887.513741/2020-00.

REFERÊNCIAS

- ALVES, N. C.; PEDROSO, M. F.; GUIMARÃES, R. B. Corpos que falam: interpretações geográficas entre saúde, gênero e espaço. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 41, n. 3, p. 9-24, 2019.
- BAYLINA, M. Metodología cualitativa y estudios de Geografía y género. **Documents d' Anàlisi Geogràfica**, v. 30, p. 123-138, 1997.
- BRANDÃO, A. M. Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica. **Configurações**, Braga - Portugal, n. 3, p. 83-106, 2007.
- BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). **Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos**. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/painel-de-dados/2025>. Acesso em: 05 set. 2025.
- BUTLER, J. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursos del “sexo”. 1º ed. Buenos Aires – Argentina, Paidós, 2002, 352 p.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. AGUIAR, R. 8º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, 287 p.
- CANTERO, D. S. M. Teoría fundamentada y Atlas.ti: recursos metodológicos para la investigación educativa. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v.16, n. 1, p. 104-122, 2014.
- CECCON, R. F. Vidas nuas: mulheres com HIV/AIDS em situação de violência de gênero. [Tese de Doutoramento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Institucional UFRGS, 2016.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 11, p. 1163-1178, 2006. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Trad. MACHADO, R. Rio de Janeiro: Graal, 1979, 295 p.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. RAMALHETE, R. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991, 277 p.
- GARCÍA-RAMON, M. D. Género, espacio y entorno: hacia una renovación conceptual de la geografía? Una introducción. **Rev. Documents D' Anàlisi Geogràfica**, v. 14, p. 7-13, 1989.
- GONTAREK, D. D. Honra, paixão e sangue: a constituição relacional do espaço doméstico e masculinidades violentas envolvidas em violência doméstica na cidade de Ponta Grossa, Paraná. [Dissertação de Mestrado em Gestão do Território Universidade Estadual de Ponta Grossa], Repositório Institucional UEPG 2020.
- GONTAREK, D. D.; SILVA, J. M. Violência doméstica e masculinidades: uma análise geográfica. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 2, p. 188-207, 2020. <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.11.i2.0009>
- GUIMARÃES, R. B.; PEDROSO, M. F.; SILVA, K. V. C.; ALVES, N. C. Contexto geográfico e corpo: outras possibilidades de des(construção) das normas de saúde e gênero. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (Orgs.), **Corpos e Geografia: expressões de espaços encarnados**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2023, p. 434-455.
- KARSTEN, L.; MEERTENS, D. La Geografía del género: sobre visibilidad, identidad y relaciones de poder. **Documents D' Anàlisi Geogràfica**, n. 20, p. 181-193, 1992.
- KRONBAUER, J. F. D.; MENEGHEL, S. N. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. **Rev. Saúde Pública**, v. 39, n. 5, p. 695-701, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000500001>

- LAN, Diana. Violencia de género, circuitos espaciales y micromachismos. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Org.). **Diálogos ibero-latino-americanos sobre Geografias feministas e das sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2017. p.177-189.
- LEWIS, R. B. ATLAS/ti and NUD-IST: a comparative review of two leading qualitative data analysis packages. **Cultural Anthropology Methods**, Thousand Oaks – Califórnia, v. 10, n. 3, p. 41-47, 1998.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. Análise de discurso: a questão dos fundamentos. **Cad. Est. Ling.**, v. 19, p. 65-74, 1990.
- MAY, T. Observação participante: perspectivas e prática. In: MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 173-203.
- McDOWELL, L. Beyond patriarchy: a class-based explanation of women's subordination. **Antipode**, v. 18, n. 3, p. 311-321, 1986. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8330.1986.tb00370.x>
- McDOWELL, Linda. Men, management and multiple masculinities in organisations. **Geoforum**, v. 32, n. 2, p. 181 198, 2001. [https://doi.org/10.1016/S0016-7185\(00\)00024-5](https://doi.org/10.1016/S0016-7185(00)00024-5)
- MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. **Feminismo e política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.
- PEDROSO, M. F. Corporeidades e metodologia de pesquisa geográfica: reflexões feministas. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 15, n. 1, p. 152 166, 2024a. <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.15.i1.0009>
- PEDROSO, M. F. Flores e dores, vozes e vidas: contexto geográfico de mulheres e suas experiências interseccionais em Presidente Prudente, SP. [Tese de Doutoramento em Geografia, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional UNESP, 2022.
- PEDROSO, M. F. Uma Geografia do que acontece: intersecções da vida de mulheres à luz do contexto geográfico. **Finisterra**, v. 59, n. 125, p. 1-13, 2024b. <https://doi.org/10.18055/Finis31298>
- PEDROSO, M. F.; GUIMARÃES, R.; B; CAU, M. B. Contexto geográfico e HIV/SIDA: múltiplos olhares de saúde sobre as mulheres moçambicanas. **Revista Saúde & Sociedade**, v. 33, n. 3, p. 1-14, 2024. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902024230297pt>
- PEDROSO, M. F.; SIMON, C. R.; GUIMARÃES, R. B. A ruptura do silêncio na luta contra a violência: a geografia que acontece na vida das mulheres no Brasil e na Argentina. In: COSTA, E. M., & LOURO, A. (Orgs.). **Desigualdades em saúde, desigualdades no território**: desafios para os países de língua portuguesa em contexto de pós pandemia. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 2022.
- QUEIROZ, M. I. P. Relatos Orais: do indizível ao dizível. In O. M. SIMON (Org.), **Experimentos com histórias de vida**: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988, p. 14-43.
- ROCHA, L. F. A eficácia social e a responsabilização criminal do agressor em tempos de Lei 'Maria da Penha'. In: MATTIOLI, O. C.; ARAÚJO, M. F.; RESENDE, V. R. **Violência e relações de gênero**: o desafio das práticas institucionais. Curitiba: Editora CRV, 2013, p. 11-21.
- ROSE, G. **Feminism & Geography**. The limits of Geographical Knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993.
- SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987, 120 p.
- SILVA, J. M.; ORNAT, M.; CHIMIN JUNIOR, A. B. Apresentação - Espaço, Gênero e Masculinidades Plurais. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (Org.). **Espaço, Gênero e Masculinidades Plurais**. 1ed.Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2011, v. 1, p. 15-20.
- SIMON, C. R. Rompendo o silêncio e o anonimato: feminicídio como fenômeno geográfico. [Tese de Doutoramento em Geografia, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional UNESP, 2023.
- STRAUSS, A.; CORBIN J. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TUZZO, S. A; BRAGA, C. F. O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o meta-fenômeno como gênese. **Rev. Pesquisa Qualitativa**, v. 4, n.5, p. 140-158, 2016.

YOUNG, I. M. *Throwing like a girl: a phenomenology of feminine body comportment motility and spatiality.* **Human Studies**, n. 3, p. 137-156, 1980. <https://doi.org/10.1007/BF02331805>